

A PANDEMIA DE INFLUENZA DE 1889-1890 NA REGIÃO DO MINHO: O CASO DE GUIMARÃES

ANTERO FERREIRA*
CÉLIA OLIVEIRA**
FÁTIMA SILVA***
TÂNIA FERREIRA****

Resumo: *Entre 1889-1890, uma pandemia de influenza assolou o mundo, 30 anos antes da «gripe espanhola». Apesar da sua importância, não tem sido objeto de muita atenção, pela dificuldade de acesso a fontes estatísticas que possibilitem o seu estudo. Neste trabalho pretendemos analisar o impacto da pandemia de influenza, conhecida como «gripe russa», no concelho de Guimarães, com especial ênfase no ritmo da pandemia e nos níveis de mortalidade e morbilidade. Verificou-se que o desconhecimento sobre a etiologia da gripe explicou a ineficácia da atuação das autoridades, mas, apesar disso, constata-se que o impacto na mortalidade da influenza de 1889-1890 foi muito menor do que o da «gripe espanhola».*

Palavras-chave: *Gripe; Pandemias; Mortalidade; Guimarães.*

Abstract: *Between 1889-1890, an influenza pandemic ravaged the world, 30 years before the «Spanish flu». Despite its importance, it has not been the object of much attention, due to the difficulty of access to statistical sources that would allow its study. In this article we intend to analyse the impact of the influenza pandemic, known as the «Russian flu», in the municipality of Guimarães, with special emphasis on the pace of the pandemic and on the levels of mortality and morbidity. It was found that the lack of knowledge about the aetiology of influenza explains the ineffectiveness of the authorities, but, despite this, it is noted that the impact on mortality of the 1889-1890 influenza was much less than that of the «Spanish flu».*

Keywords: *Influenza; Pandemics; Mortality; Guimarães.*

INTRODUÇÃO

A passagem do centenário da «gripe espanhola» motivou um olhar renovado sobre a pandemia que assolou o mundo nos anos de 1918-1919. Muitos dos estudos realizados mencionam uma outra pandemia de gripe que ocorreu trinta anos antes, a *influenza* de 1889-1890, também conhecida como «gripe russa». Apesar da sua importância, não tem sido objeto de muita atenção, ao contrário da «gripe espanhola», principalmente pela dificuldade de acesso a fontes estatísticas que possibilitem a sua análise¹.

* Casa de Sarmento; CITCEM. Email: aferreira@csarmento.uminho.pt.

** Casa de Sarmento. Email: coliveira@csarmento.uminho.pt.

*** Casa de Sarmento. Email: fsilva@csarmento.uminho.pt.

**** CITCEM. Email: up201109607@up.pt.

¹ VALLERON *et al.*, 2010; VALTAT *et al.*, 2011.

Na sequência dos estudos que realizámos sobre a «gripe espanhola» na cidade de Guimarães², decidimos debruçar-nos sobre esta pandemia de finais do século XIX, procurando estudar as suas características e impacto no norte de Portugal, com particular incidência no concelho de Guimarães. Interessa-nos também avaliar as semelhanças e as diferenças entre estas duas pandemias ao nível dos principais indicadores demográficos.

Para o desenvolvimento deste estudo, utilizámos os registos de óbitos de 11 freguesias do concelho de Guimarães (incluindo as três paróquias urbanas que à época constituíam a cidade de Guimarães) e de 25 freguesias do vizinho concelho de Fafe³. Organizámos uma base de dados com os registos do hospital da Santa Casa da Misericórdia de Guimarães⁴. Consultámos ainda as atas da vereação da Câmara Municipal de Guimarães e da Administração do Concelho. Finalmente, fizemos o levantamento de todas as notícias sobre a *influenza* de 1889-1890 na imprensa vimaranense⁵. Como os registos de óbito não apresentam a causa do falecimento, procurámos identificar as doenças que explicam o movimento da mortalidade através da imprensa local e do internamento hospitalar.

1. A PANDEMIA DE *INFLUENZA* DE 1889-1890

Debatem-se ainda hoje várias teorias sobre a origem desta pandemia, que, sem dúvida, teve início a oriente (vários estudos divergem entre a Sibéria, o Cazaquistão ou mesmo a Índia⁶), sendo inegável que o seu ponto de difusão foi a Rússia. Provocada, provavelmente, por um vírus H3N8⁷, a sua difusão foi extremamente célere: as primeiras notícias da doença datam de finais de outubro de 1889, em São Petersburgo⁸, tendo o pico de mortalidade nessa cidade ocorrido em 1 de dezembro desse ano⁹. Num mundo ligado pela via-férrea e pelo transporte marítimo, a *influenza* rapidamente alastrou pelo continente europeu, estendendo-se, de seguida, a todo o mundo. De acordo com os relatos da imprensa, antes de o ano de 1889 terminar, já a pandemia atingia a quase totalidade da Europa, mas também os EUA e o Canadá¹⁰. A velocidade média de progressão

² FERREIRA, OLIVEIRA, 2020a, 2020b.

³ Recolhidos no Repositório Genealógico Nacional. Disponível em <www.csarmento.uminho.pt/site/s/porgener/page/inicio>.

⁴ Agradecemos à Santa Casa da Misericórdia de Guimarães as facilidades concedidas na consulta do seu arquivo histórico.

⁵ Ver Hemeroteca Vimaranesa em <www.csarmento.uminho.pt/hemeroteca/apresentacao/>.

⁶ GARCÍA FERRERO, 2018.

⁷ VALLERON *et al.*, 2010.

⁸ GARCÍA FERRERO, 2018.

⁹ VALLERON *et al.*, 2010.

¹⁰ GARCÍA FERRERO, 2018.

foi estimada em 394 km/semana na Europa Continental e em 1015 km/semana nos EUA¹¹.

Os estudos que incidiram sobre a «gripe russa» destacam a sua elevada morbidade, à qual correspondeu uma mortalidade suave¹². David Killingray refere que foi um surto relativamente letal para ser registado e recordado, mas que não teve a ferocidade da «gripe espanhola»¹³. Observou-se também que a mortalidade foi superior no sul da Europa, considerando-se que a estrutura das suas cidades, particularmente o número médio de indivíduos por habitação, possa ter sido determinante no desenvolvimento da pandemia¹⁴. Alguns autores sugerem ainda a hipótese de esta epidemia ter conferido alguma imunidade aos que, uma vez infetados, lhe sobreviveram, tornando-os imunes à pandemia da «gripe espanhola» de 1918-1919, o que explicaria o seu menor impacto sobre os mais idosos¹⁵.

Estima-se que o número de óbitos provocado por esta pandemia terá sido de 300 000 indivíduos em todo o mundo. Negligenciada a sua importância nos momentos iniciais, a sua rápida propagação forçou os governos a tomarem medidas excepcionais para diminuir o contágio e auxiliar os doentes, como o encerramento de escolas, a criação de hospitais de campanha e o apoio às classes mais desfavorecidas¹⁶.

Em Portugal, não existe um estudo específico sobre a *influenza* de 1889-1890. No entanto, esta pandemia é habitualmente referida nos trabalhos sobre a mortalidade de crise, particularmente nos estudos sobre a «gripe espanhola» de 1918-1919. Miriam Halpern Pereira menciona, em 1971, que «o aumento da mortalidade nos anos de crise é, no primeiro [distrito de Lisboa] de 6‰ (entre 1887 e 1890) e no segundo [distrito do Porto] de 2‰»¹⁷. João Frada, por sua vez, na sua obra de referência sobre a gripe de 1918-1919, fala-nos da «gripe russa», descrevendo-a como «o fenómeno gripal mais violento de que há memória nesse século [XIX]. [...] Depois desta pandemia, a gripe, na opinião dos vários epidemiologistas, passaria a manifestar-se como um fenómeno endémico em quase todos os países que ficaram na sua trajectória»¹⁸. Também Teresa Rodrigues Veiga aponta os anos de 1889 e 1890 como um período de crise epidémica de gripe em Portugal Continental¹⁹.

11 VALLERON *et al.*, 2010.

12 MUSSELL, 2007; VALLERON *et al.*, 2010; VALTAT *et al.*, 2011.

13 KILLINGRAY, 2009.

14 VALLERON *et al.*, 2010.

15 TAUBENBERGER, MORENS, 2006.

16 GARCÍA FERRERO, 2018.

17 PEREIRA, 1971: 37.

18 FRADA, 2005: 87.

19 VEIGA, 2004.

Num trabalho centrado na cidade de Lisboa, Teresa Rodrigues refere-se à epidemia de gripe de 1889-1890, afirmando que «a doença provoca aumentos significativos nos óbitos registados ao longo de quatro meses, entre Dezembro de 1889 e Março de 1890, com um pico em Janeiro. Comparado com os meses precedentes, a epidemia corresponde ao acréscimo de 47 por cento nos níveis globais de mortalidade». Destacam-se os óbitos provocados por doenças do aparelho respiratório com um crescimento de 16% (9,8% com diagnóstico de gripe)²⁰. A investigadora apresenta também dados para a contextualização da situação económica durante o surto epidémico, referindo que «[aos] problemas derivados da insuficiência de produção agrícola face ao ritmo de crescimento populacional, sucedem-se os problemas financeiros e o aumento da dívida pública. Vive-se pior, à sombra de uma crise de âmbito internacional. [...] A inflação atinge 30 por cento, tendo os preços de alguns géneros de primeira necessidade chegado a duplicar»²¹.

Não dispondo de uma perspetiva nacional do impacto desta pandemia, começámos por calcular a relação de sobremortalidade por distritos dos anos de 1890 e 1891 relativamente à mortalidade média dos anos de 1887 e 1889²². Assumimos que, apesar de a pandemia de *influenza* ter chegado a Portugal no mês de dezembro de 1889, o seu impacto sobre a mortalidade se terá verificado durante o ano de 1890, prolongando-se em 1891.

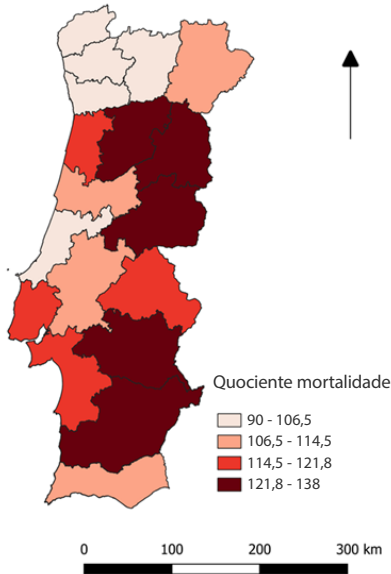
Estes mapas revelam-nos um país desigual. Em 1890, a mortalidade foi maior nos distritos do interior, junto à fronteira espanhola, regiões que se caracterizavam já por elevados níveis de mortalidade²³. Destacam-se ainda os distritos de Lisboa e do Porto, onde, como já vimos, a *influenza* teve um impacto significativo. No ano de 1891, os efeitos da pandemia vão-se atenuando, exceto nos distritos da Guarda e de Beja, onde a sobremortalidade se manteve elevada, e no distrito de Viana do Castelo, onde ocorreu um agravamento da situação.

²⁰ RODRIGUES, 1995: 241-242.

²¹ RODRIGUES, 1995: 240.

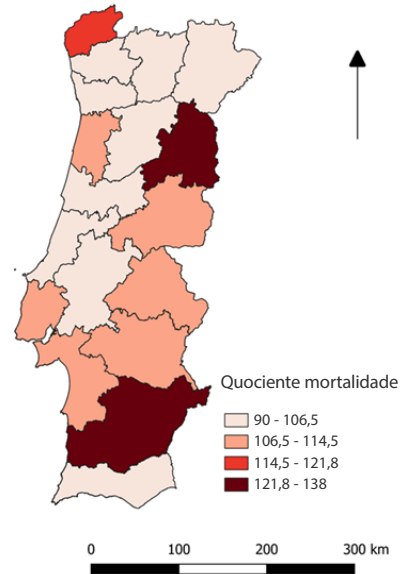
²² Seguimos a metodologia utilizada por Leston Bandeira no estudo que desenvolveu sobre a «gripe espanhola», apresentada do seguinte modo: «quociente, calculado em percentagem, entre as taxas brutas de mortalidade de 1918 e as taxas de 1917» que permite determinar as relações de sobremortalidade (BANDEIRA, 2009: 135).

²³ BANDEIRA, 1996: 200.



Mapa 1. Relação de Sobremortalidade (1890/Média 1887-1889)

Fonte: Elaboração própria a partir do *Anuário Estatístico de Portugal*, 1892



Mapa 2. Relação de Sobremortalidade (1891/Média 1887-1889)

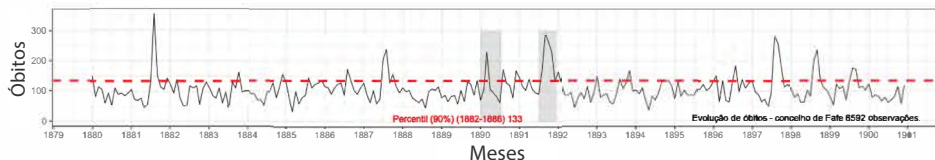
Fonte: Elaboração própria a partir do *Anuário Estatístico de Portugal*, 1892

2. A INFLUENZA DE 1889-1890 EM GUIMARÃES

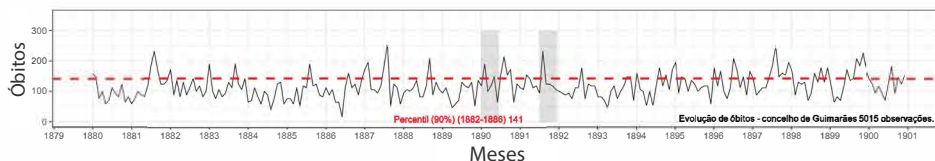
Dispondo, como referimos na introdução, de um conjunto diversificado de fontes sobre o concelho de Guimarães, vamos centrar a nossa análise sobre este território, incluindo, sempre que possível, o contíguo concelho de Fafe.

Começamos por analisar o movimento dos óbitos nos concelhos de Guimarães e Fafe, entre os anos de 1880 e 1900, procurando identificar os períodos de sobremortalidade e avaliar a sua simultaneidade. Para este efeito, traçamos sobre o gráfico uma linha correspondente ao nonagésimo percentil. Os meses que se situam acima desta linha, representando 10% da observação, correspondem a episódios de sobremortalidade. As zonas sombreadas correspondem aos períodos em que a epidemia de gripe esteve ativa, de acordo com a imprensa local e os registos hospitalares²⁴.

²⁴ Para facilitar a comparação entre as duas regiões, os óbitos são apresentados em índice, calculado a partir do valor da mediana do período de 1882 a 1886, de cada uma das observações. Foi escolhido este período como referência por nele não se observarem episódios de mortalidade exagerada.

Gráfico 1. Evolução dos óbitos no concelho de Fafe (1880-1900)

Fonte: Elaboração própria a partir do Repositório Genealógico Nacional

Gráfico 2. Evolução dos óbitos no concelho de Guimarães (1880-1900)

Fonte: Elaboração própria a partir do Repositório Genealógico Nacional

Nestes dois concelhos a epidemia parece ter ocorrido sensivelmente nos mesmos períodos, o que era previsível tendo em conta a sua contiguidade (Gráficos 1 e 2), com ligeira antecipação no concelho de Guimarães. A segunda vaga, que ocorreu durante o segundo semestre de 1891, teve, nos dois casos, maior impacto na mortalidade do que a primeira, que se desenvolveu no primeiro semestre de 1890. Aparentemente, as duas vagas tiveram maiores repercussões em Fafe, concelho mais rural do que Guimarães — recorde-se que na amostra vimaranense as freguesias urbanas estão em maioria. Em trabalhos anteriores sobre a «gripe espanhola» de 1918-1919 nesta região, já se tinha verificado que a mortalidade nas zonas rurais foi superior à das zonas urbanas²⁵.

Procedemos ainda à análise da distribuição etária dos óbitos em Guimarães, usando o ano de 1889 como referência. Sendo evidente nos anos de atividade pandémica um ligeiro aumento da mortalidade em todos os grupos etários, verificámos que não existe uma alteração significativa do perfil da distribuição, ao contrário do que se verificou em 1918-1919, com um aumento da mortalidade nos jovens adultos²⁶.

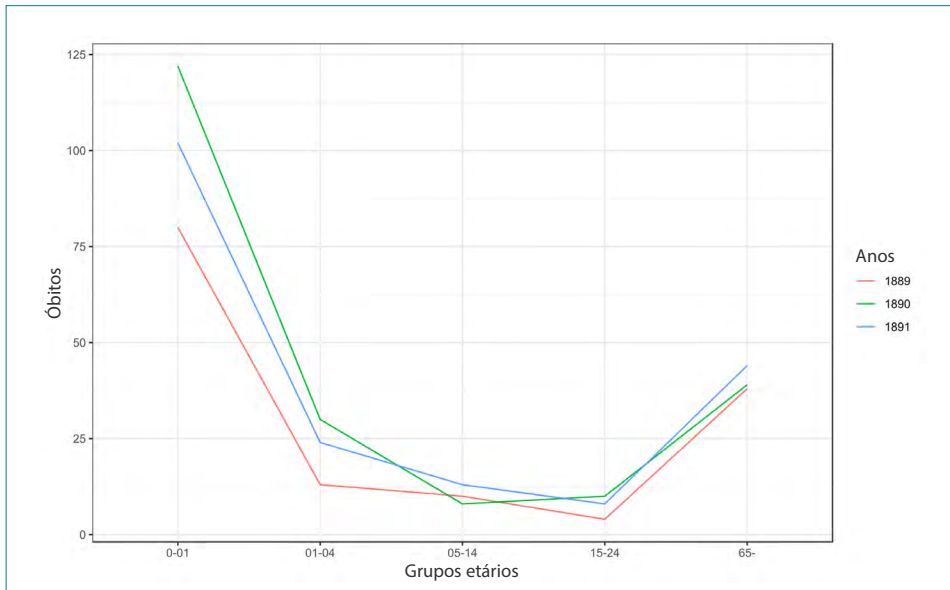
Para estudarmos a morbilidade associada à *influenza* de 1889-1890, procedemos ao levantamento dos internamentos registados nos livros de entradas de doentes do hospital da Santa Casa da Misericórdia de Guimarães, desde 1 de janeiro de 1888 até 29 de novembro de 1892, totalizando 5771 internamentos. Nesta fonte documental, consta, para além da identificação de cada indivíduo admitido, a respetiva enfermidade, a duração do internamento e a situação no momento da alta (curado, melhor, morte, etc.). Procedemos à classificação de

²⁵ FERREIRA, OLIVEIRA, 2020a, 2020b.

²⁶ FERREIRA, OLIVEIRA, 2020a: 64.

todas as doenças de acordo com a proposta de Bernabeu-Mestre²⁷. Como tem sido habitual noutros estudos, associámos à gripe os diagnósticos de pneumonia e bronquite²⁸.

Gráfico 3. Óbitos por grupos etários no concelho de Guimarães



Fonte: Elaboração própria a partir do Repositório Genealógico Nacional

À época, existiam em Guimarães mais dois hospitais, administrados pelas Ordens de São Francisco e de São Domingos, respetivamente. De uma forma indireta, podemos ter uma ideia da importância dos vários hospitais através do obituário que os jornais «Religião e Pátria» e «Vimaranense» publicavam com alguma regularidade. Entre 1888 e 1891, em média, os óbitos apareciam distribuídos do seguinte modo: Hospital da Santa Casa da Misericórdia (33%); Hospital de São Francisco (4%); Hospital de São Domingos (3%); óbitos no domicílio (60%). Conforme já tínhamos notado em trabalhos anteriores²⁹, a população hospitalar englobava, fundamentalmente, adultos e idosos com menos recursos económicos ou sem apoio familiar. Por essa razão, a elevada percentagem de óbitos ocorridos no domicílio está relacionada com a população infantil, que não era atendida no hospital, com os indivíduos que recorriam à medicina particular e com aqueles, talvez a maioria, que morriam sem acompanhamento médico³⁰.

²⁷ BERNABEU-MESTRE *et al.*, 2003.

²⁸ ANDREASEN, VIBOUD, SIMONSEN, 2008; FRADA, 2005.

²⁹ FERREIRA, OLIVEIRA, 2020a, 2020b.

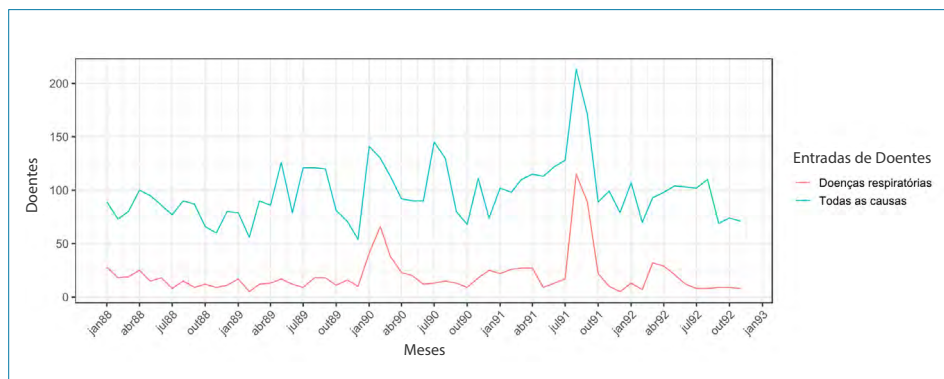
³⁰ FERREIRA, OLIVEIRA, 2020b: 156.

Tabela 1. Entrada de doentes

Sexo	1888	1889	1890	1891	1892	Total
Feminino	489	522	639	735	508	2893
Masculino	494	562	625	704	492	2877
Total	983	1084	1264	1439	1001	5771
com gripe	187	158	293	382	156	

Fonte: Elaboração própria a partir dos Livros de Registo de entrada de doentes no HSCMG

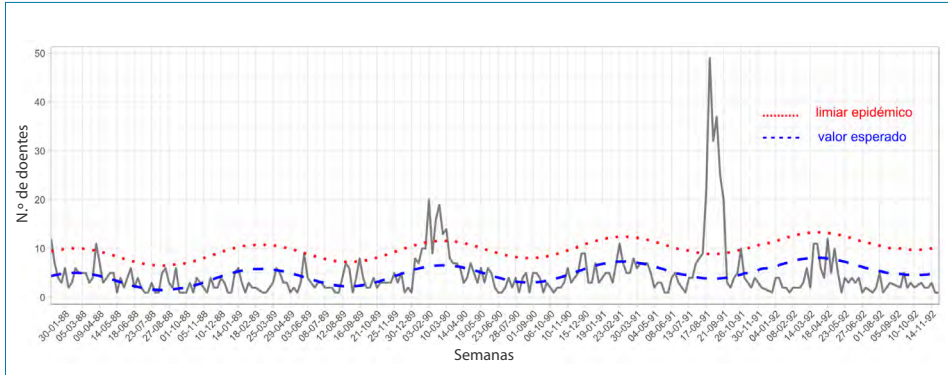
Como se pode observar na Tabela 1, nos anos em que não detetámos uma morbilidade extraordinária (1888, 1889 e 1892), as admissões no hospital rondam os mil doentes, valores que são largamente ultrapassados em 1890 e 1891, o mesmo acontecendo com os diagnósticos associados à gripe.

Gráfico 4. Entrada de Doentes no Hospital da S. C. da Misericórdia - Guimarães (1888-1892)

Fonte: Elaboração própria a partir dos Livros de Registo de entrada de doentes no HSCMG

A análise detalhada do movimento de entrada de doentes, tendo em conta as causas do internamento, permitiu-nos identificar dois períodos de atividade gripal (Gráfico 4): o primeiro, entre fevereiro e abril de 1890, está alinhado com a cronologia da pandemia; o segundo, entre agosto e outubro de 1891, corresponde a uma segunda vaga, que terá tido maior impacto nesta região. Esta periodicidade está alinhada com o que já havíamos assinalado na evolução da mortalidade, como se evidencia nos Gráficos 1 e 2. Na medida em que nos registos de internamento existe informação sobre a alta dos doentes, foi possível determinar que a taxa de letalidade associada a esta pandemia de gripe foi relativamente baixa, situando-se pouco acima dos 4%, tanto em 1890 como em 1891. Analisámos ainda a distribuição etária dos doentes, entre 1888 e 1892, mas não detetámos qualquer alteração significativa neste perfil durante todo o período.

Gráfico 5. Evolução semanal das entradas de doentes com doenças respiratórias. Estimativa de 1888/1889 ajustada ao período de 1888/1892



Fonte: Elaboração própria a partir dos Livros de Registo de entrada de doentes no HSCMG

Finalmente, recorrendo ao modelo de Serfling³¹, procurámos medir a duração e a intensidade das duas vagas pandémicas a partir do registo de entrada de doentes do hospital da Santa Casa da Misericórdia de Guimarães (Gráfico 5). Utilizando os anos de 1888 e 1889 como referência do valor esperado (*baseline* — linha tracejada), verificámos que a primeira vaga, com início na semana de 6 de janeiro, foi bastante suave, com cinco semanas acima do limite epidémico (linha pontilhada) e um excesso de 24 hospitalizações. A segunda vaga, por seu lado, iniciada em 17 de agosto, teve uma duração de seis semanas e uma intensidade muito superior, com um excesso de 131 internamentos acima do limiar epidémico.

3. A INFLUENZA NA IMPRENSA VIMARANENSE

Uma breve pesquisa na imprensa vimaranense da época revela-nos que a pandemia de *influenza* entrou na cidade no início de janeiro de 1890. No dia 8 desse mês, o «Religião e Pátria» anuncia:

Já cá a temos, a incommoda e aborrecida doença. Hontem estavam com ella 17 praças do 1.º batalhão d'infanteria 20, e dizem-nos que mais algumas pessoas. É provável que se alastre, mas não deve isso dar motivo a susto nem a alarme. A doença reveste em geral uma forma benigna, e o que precisa é que haja todo o cuidado em não apanhar algum resfriamento, e em guardar cauteloso tratamento, para que não degenerem em outra moléstia mais grave, nem hajam recaídas, quasi sempre neste caso perigosas³².

31 ANTUNES, CARDOSO, 2015; MCCONEGHY *et al.*, 2017; SERFLING, 1963.

32 «Religião e Pátria», 8 jan. 1890: 2.

A notícia é confirmada pelo «O Commercio de Guimarães», que menciona os 17 casos de *influenza* no regimento de infantaria 20, acrescentando que as praças afetadas pertenciam ao contingente que fora a Lisboa assistir à aclamação do rei D. Carlos. A doença, que já se manifestava também em Caldelas, é encarada como a «doença da moda»³³. Mas como atua a «doença da moda»? O «Religião e Pátria» informa os seus leitores:

*Os symptomas geraes são o enfraquecimento ou a languidez insólita; atordoamento, vertigens e dores de cabeça; contracções no estomago e vômitos; irregularidade do pulso, febre; os olhos marejados de lágrimas; faces pronunciadamente vermelhas; corrimento nasal; tosse rouquenha, profunda e fatigante; gastralgia; sede, inapetência e entejo. O medius da doença regula entre 5 e 10 dias. O tratamento usado e congruente é em primeiro logar, o mais completo descanço, depois a dieta e os sudoríficos*³⁴.

O periódico salienta ainda que a doença não discrimina em função da idade ou posição social, não tem profiláticos conhecidos e as suas causas são também ignoradas. Não obstante a sua natureza benigna, alerta-se para a perigosidade das recaídas, de modo que se recomendam precauções e o uso de um tónico poderoso, designadamente o «Vinho de Vivien, com extrato de fígado de bacalhau, cujos princípios medicamentosos têm precisamente a ação necessária»³⁵.

Em pouco tempo, a *influenza* dissemina-se pela cidade, registando-se casos em vários locais, como por exemplo na Rua Nova do Comércio, onde «[u]m músico do regimento foi recolhido à enfermaria do quartel numa maca»³⁶. Nos periódicos começam a listar-se os nomes dos doentes mais ilustres da sociedade vimaranense, bem como a evolução do seu estado de saúde. Findo o mês de janeiro, a epidemia continua a atacar em força a população, não se registando, contudo, nenhum caso fatal.

Nos meses seguintes, reporta-se uma situação idêntica. A ação da epidemia traduz-se num número elevado de infetados, inclusivamente figuras muito conhecidas e estimadas como Albano Belino³⁷, o distinto advogado José da Cunha Sampaio e o acreditado negociante Francisco Gonçalves Fernandes Moreira³⁸. É muito frequente encontrarem-se doentes vários elementos da mesma família, como se verificou com o Dr. Geraldo Guimarães, clínico da cidade, que tratou em simultâneo da saúde da esposa e da filha³⁹. Nos hospitais,

33 «O Commercio de Guimarães», 9 jan. 1890: 2.

34 «Religião e Pátria», 11 jan. 1890: 2.

35 «O Commercio de Guimarães», 13 jan. 1890: 3.

36 «O Commercio de Guimarães», 13 jan. 1890: 2.

37 «Religião e Pátria», 1 fev. 1890: 2.

38 «O Commercio de Guimarães», 6 fev. 1890: 2.

39 «O Commercio de Guimarães», 17 fev. 1890: 2; «O Commercio de Guimarães», 24 fev. 1890: 2.

sobretudo no hospital da Santa Casa da Misericórdia, os infetados encontram tratamento para a sua enfermidade. No entanto, de acordo com «O Commercio de Guimarães», nas freguesias rurais, onde a grande maioria das pessoas se trata em casa, registam-se algumas vítimas, uma vez que «[p]ouco cautelosos, os lavradores levantam-se da cama quando sentem dois dedos de melhoras, [sic] depois com typhos e pneumonias»⁴⁰. A última notícia sobre a *influenza* remete-nos para os inícios de maio, quando «O Commercio de Guimarães» informa que continua presente na cidade, mas, sobretudo, nas freguesias vizinhas, nomeadamente na zona de Vizela, onde se registam ainda muitos casos fatais⁴¹.

Mais de um ano haveria de passar até que, na imprensa vimaranense, se voltasse a ouvir falar de *influenza*. Em plena época estival, encontrando-se a população envolvida nas inúmeras festividades e eventos religiosos, e as famílias ilustres de férias nas praias da Póvoa de Varzim, Vila do Conde e Matosinhos, ou a tratar enfermidades nas termas de Caldelas, Vizela ou do Gerês, «O Commercio de Guimarães» reporta a existência de vários casos de *influenza* na cidade e não deixa de lamentar a situação que se vivia: «Crise monetária, variola e *influenza*! Que mais nos flagelará⁴²?» Efetivamente, a epidemia regressava uma vez mais à cidade e freguesias circunvizinhas, com o seu «cortejo de complicações», ainda um mistério para a medicina que lhe desconhece a origem, o modo de transmissão e a forma como infeta os organismos. Nestas circunstâncias, recomendam-se medidas gerais de prevenção: «não praticar excessos que possam debilitar o organismo; abstenção d'alimentos de má qualidade, de fructas mal sazoadas; não beber aguas paludosas e sobretudo prevenir-se contra as noites frias que estão succedendo aos dias de um calor canicular»⁴³.

Em meados do mês de agosto, já a *influenza* assume o seu carácter epidémico. Juntamente com a variola, constitui um flagelo que enferma famílias inteiras. Olham-se as ruas e as casas, e veem-se desleixos que ameaçam a saúde pública e «alimentam» a epidemia. É, por isso, fundamental a «mais rigorosa pontualidade na limpeza das ruas, sobretudo das mais transitadas, e especialmente nos dias seguintes aos de mais transito, quais são os da feira semanal. Seria até conveniente que se irrigassem de quando em quando»⁴⁴. Apela-se, igualmente, à realização de visitas sanitárias, «pois ninguem ignora o grande numero de cabeças de gado suino que existe intra-muros e a immundicie que existe em muitas casas»⁴⁵.

40 «O Commercio de Guimarães», 24 fev. 1890: 2.

41 «O Commercio de Guimarães», 1 mai. 1890: 2.

42 «O Commercio de Guimarães», 10 ago. 1891: 2.

43 «Vimaranense», 11 ago. 1891: 2.

44 «Vimaranense», 18 ago. 1891: 2.

45 «O Commercio de Guimarães», 24 ago. 1891: 2.

A situação é de crise. Os epidemiados multiplicam-se em todo o concelho e os hospitais estão repletos de doentes. Na cidade, há casas onde estão infetadas várias pessoas e no convento das Claras encontra-se uma dúzia de recolhidas enfermas⁴⁶. Nas freguesias rurais, como Donim e Gondomar, há mesmo casos fatais a registar⁴⁷. É, por isso, o momento de recorrer ao Altíssimo para que acabe com a *influenza*: «O venerando prelado primaz ordenou que se façam preces publicas, durante trez dias, em todas as egrejas d'esta archidiocese»⁴⁸. Outras medidas, a nível camarário, foram também adotadas com o mesmo fim: «A Ill.^{ma} Comissão Municipal resolveu auctorisar o sr. Pacheco, fiscal d'obras camararias, a chamar extraordinariamente 3 jornaleiros para fazer a limpeza da cidade com mais actividade na actual conjuntura»⁴⁹. Todas as providências são necessárias e meritórias, não fosse esta a «doença do diabo», como refere o Dr. António Marnoco, médico especialista na cura da *influenza*⁵⁰.

É no final do mês de setembro que, nos periódicos locais, surgem duas pequenas notícias sobre o fim da epidemia de *influenza* em terras vimaranenses. No «Vimaranense» de 29 de setembro, escreve-se: «Felizmente tem declinado muito esta terrível epidemia, que tantas victimas causou n'esta cidade e concelho. Nos hospitaes e casas particulares ha muito menos doentes. Consola-nos ver que a terrível *influenza* não se alastrasse mais. Para longe ella vá d'uma vez para sempre»⁵¹. O «Religião e Pátria», por sua vez, anuncia mesmo, com sentido de humor, a irradiação da praga, declarando: «Até que em fim, esta moléstia «dignou-se» obsequiar-nos com a sua ausência. Já não era sem tempo, e Deus queira que não volte, porque não deixa saudades»⁵². A última referência à *influenza* consta no «Vimaranense» de 6 de outubro, que a considera completamente ultrapassada, ao contrário da varíola, que continua a fazer numerosas vítimas⁵³.

As notícias relativas à *influenza* de 1889-1890 ou «gripe russa», publicadas na imprensa de Guimarães, tanto no inverno de 1890 como no verão de 1891, nunca mereceram o destaque da primeira ou até da segunda página. Tratando-se, frequentemente, de pequenos artigos, sem grande desenvolvimento, são secundarizados face aos temas políticos, surgindo a par de todos os outros acontecimentos, desde celebrações a acidentes de viação. Como as doenças representavam uma realidade constante na vida das pessoas, os jornais não apresentam uma rutura, um tempo «anormal» que depois volta ao «normal», mas uma continui-

46 «Vimaranense», 15 set. 1891: 2.

47 «O Commercio de Guimarães», 24 set. 1891: 2.

48 «Vimaranense», 4 set. 1891: 2.

49 «Religião e Pátria», 19 set. 1891: 2.

50 «Religião e Pátria», 19 set. 1891: 2.

51 «Vimaranense», 29 set. 1891: 2.

52 «Religião e Pátria», 30 set. 1891: 2.

53 «Vimaranense», 6 out. 1891: 2.

dade, mantendo-se as suas páginas preenchidas com as habituais discussões políticas, as providências da administração local, os despachos eclesiásticos, as crónicas criminais, a atividade das juntas de inspeção, os grandes eventos sociais, a vida das gentes locais, mas também dos que chegam e dos que partem.

4. A ATUAÇÃO DA ADMINISTRAÇÃO MUNICIPAL DURANTE A PANDEMIA

Para completar o cenário que temos vindo a traçar desta pandemia na região de Guimarães, analisámos ainda a atuação da administração vimaranense, através das atas das sessões da Comissão Municipal e das atas das reuniões da Câmara Municipal, confrontando-as com a legislação régia.

Ao nível central, verificámos que, no ano de 1890, são publicados dois decretos: o primeiro, datado de 11 de janeiro, determina a suspensão dos exercícios escolares nos diversos estabelecimentos de instrução pública da capital, devido à *influenza*⁵⁴; o segundo, do foro religioso e com data de 19 de março⁵⁵, confirma a adoção da circular *apostolica potestatis* (30 de janeiro de 1890), na qual o papa autoriza os prelados a dispensarem os fiéis da obrigação do jejum e da abstinência, durante o período do surto epidémico. É precisamente na sequência dessa circular que o arcebispo de Braga emite a portaria que João Lopes de Faria regista nas suas *Efemérides Vimaranenses*, a 4 de março de 1890, e que autoriza os confessores da cidade e do concelho de Guimarães «a dispensar os fiéis da abstinência e do jejum nesta quaresma, excepto às 6^a feiras e na 5^a e 6^a feira da Semana Santa em que se guardaria a lei da abstinência mas não a do jejum, isto por grasar epidemia na cidade e concelho»⁵⁶.

Ao nível da administração local, a primeira referência à *influenza* surge na ata da Comissão Municipal do dia 8 de janeiro de 1890:

*O Snr. Administrador expos á Comissão que sendo de receiar que nesta cidade se desenvolva a epidemia da influenza, desejava saber se a mesma Comissão resolvia dar um subsidio, e de quanto, para ocorrer ás despesas com subsidios ou socorros ás classes desvalidas. Deliberou-se atender esta requisição, provisoriamente, e dentro do disponível para despesas eventuaes, visto que não ha no orçamento ordinario, verba especial para aludidas despesas*⁵⁷.

54 PORTUGAL. Ministério dos Negócios do Reino, 1890: 5.

55 PORTUGAL. Ministério dos Negócios Eclesiásticos e de Justiça, 1890: 542.

56 FARIA, [s.d.]: fl. 237.

57 GUIMARÃES. Câmara Municipal. Comissão Municipal, 1887-1890: fl. 101v.

Paralelamente a este pedido dirigido à Comissão Municipal, nas atas de vereação encontrámos uma proposta, datada de 13 de janeiro de 1890, na qual o vereador Joaquim José de Meira propõe:

*que a Comissão Municipal fique auctorizada, quando a epidemia da gripe porventura comece a grassar largamente entre nós, a convidar o Ex.mo Provedor da Santa Casa da Misericórdia, sub delegado de Saude, administrador do concelho, facultativos e pharmaceuticos da cidade, e mais pessoas que julgue conveniente, para accordarem uns meios a adoptar n'essa conjunctura e a tomar as providencias que julgar necessarias*⁵⁸.

Apesar da evolução da pandemia, que regressou, como vimos, em 1891, não encontrámos mais registos de outras medidas tomadas pela Administração do Concelho, para além das que são noticiadas nos jornais, relacionadas com a intensificação dos esforços dirigidos para a melhoria do estado sanitário da cidade.

NOTAS FINAIS

A primeira nota diz respeito à ligeireza com que foi acolhida esta pandemia na sociedade portuguesa, fruto de um contacto regular com episódios de *influenza* que nunca tinham tido carácter pandémico. Se num primeiro momento se nota na imprensa da época uma desvalorização da moléstia, atribuindo-se os seus efeitos mais gravosos ao desleixo do próprio doente, a verdade é que, mesmo quando a pandemia é declarada e reconhecida publicamente, nunca chega a ser notícia de primeira página. Não obstante a gravidade da situação, inclusivamente quando já há vítimas mortais a lamentar, as notícias sobre a *influenza* são escassas, curtas e remetidas para um plano secundário. Mesmo assim, esta pandemia perdurou na memória das pessoas e, em 1918, os espíritos mais informados, como era o caso de Ricardo Jorge, ainda tinham bem presente o episódio da «gripe russa»⁵⁹.

Não dispondo das causas de óbito, não nos é possível comparar a situação de Guimarães com a que Teresa Rodrigues observou para a cidade de Lisboa. Utilizando os mesmos procedimentos e tendo presente a limitação de se utilizarem números de expressão reduzida, verificámos que a sobremortalidade de Guimarães, em 1890 e 1891, seria muito semelhante à que calculámos para Lisboa e Porto nestes dois anos.

Quando analisámos a taxa de letalidade desta pandemia a partir dos óbitos dos doentes internados com gripe no hospital da Santa Casa da Misericórdia de Guimarães, encontrámos uma taxa que ronda os 4,5%, muito inferior à que

⁵⁸ GUIMARÃES. Câmara Municipal. Comissão Municipal, 1887-1890: fls. 131-131v.

⁵⁹ JORGE, 1918.

se verificou, no contexto da pandemia de 1918-1919, que atingiu o valor de 15,17%⁶⁰. Estes valores vêm confirmar a ideia de que o impacto na mortalidade da *influenza* de 1889-1890 foi muito inferior ao da «gripe espanhola».

O desconhecimento sobre a etiologia da gripe explica a ineficácia da atuação das autoridades, que se limitaram a aplicar as habituais medidas de caráter higiênico, úteis para outros tipos de doenças, como a cólera ou o tifo. Paralelamente, aprovou-se o apoio aos doentes das classes mais desfavorecidas. Se compararmos estas providências com as adotadas durante a «gripe espanhola», constata-se que não existiu uma grande evolução, com exceção das pertinentes recomendações de Ricardo Jorge sobre o afastamento das pessoas e a instalação de hospitais para os epidemiados.

FONTES E BIBLIOGRAFIA

FONTES

Arquivo da Santa Casa da Misericórdia de Guimarães

ASCMG. *Registo de Entradas e Saídas de Doentes de «Medicina» no Hospital — Homens* (1883-1889). Cota: 1.1.2.1; (1889-1892); Cota: 1.1.2.2.

ASCMG. *Registo de Entradas e Saídas de Doentes de «Medicina» no Hospital — Mulheres* (1888-1890). Cota: 1.1.4.4.

Arquivo Municipal Alfredo Pimenta

GUIMARÃES. Câmara Municipal. Comissão Municipal (1887-1890). *Atas das sessões da Comissão Municipal de Guimarães, 07-12-1887 a 01-10-1890*.

GUIMARÃES. Câmara Municipal (1887-1890). *Atas das reuniões da Câmara Municipal de Guimarães, 01-07-1887 a 14-04-1890*.

Arquivo da Sociedade Martins Sarmento

FARIA, João Lopes de [s.d.]. *Efemérides Vimaranenses*. Disponível em <<https://www.csarmento.uminho.pt/site/s/archsms/item/74974>>.

FONTES HEMEROGRÁFICAS

- «O Commercio de Guimarães». VI Ano. 524 (9 jan. 1890) 2.
- «O Commercio de Guimarães». VI Ano. 525 (13 jan. 1890) 2, 3.
- «O Commercio de Guimarães». VI Ano. 532 (6 fev. 1890) 2.
- «O Commercio de Guimarães». VI Ano. 535 (17 fev. 1890) 2.
- «O Commercio de Guimarães». VI Ano. 536 (24 fev. 1890) 2.
- «O Commercio de Guimarães». VI Ano. 554 (1 mai. 1890) 2.
- «O Commercio de Guimarães». VIII Ano. 672 (10 ago. 1891) 2.
- «O Commercio de Guimarães». VIII Ano. 676 (24 ago. 1891) 2.

⁶⁰ FERREIRA, OLIVEIRA, 2020a.

- «O Commercio de Guimarães». VIII Ano. 684 (24 set. 1891) 2.
- «O Occidente: Revista Illustrada de Portugal e do Estrangeiro» (1878-1915). Disponível em <<http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/OBRAS/Ocidente/Ocidente.htm>>.
- «Religião e Pátria». 47.^a Série. 4 (8 jan. 1890) 2.
- «Religião e Pátria». 47.^a Série. 5 (11 jan. 1890) 2.
- «Religião e Pátria». 47.^a Série. 11 (1 fev. 1890) 2.
- «Religião e Pátria». 50.^a Série. 27 (19 set. 1891) 2.
- «Religião e Pátria». 50.^a Série. 30 (30 set. 1891) 2.
- «Vimaranense». I Ano. 59 (11 ago. 1891) 2.
- «Vimaranense». I Ano. 61 (18 ago. 1891) 2.
- «Vimaranense». I Ano. 66 (4 set. 1891) 2.
- «Vimaranense». I Ano. 68 (15 set. 1891) 2.
- «Vimaranense». I Ano. 72 (29 set. 1891) 2.
- «Vimaranense». I Ano. 74 (6 out. 1891) 2.

BIBLIOGRAFIA

- ANDREASEN, V.; VIBOUD, C.; SIMONSEN, L. (2008). *Epidemiologic characterization of the 1918 influenza pandemic summer wave in Copenhagen: implications for pandemic control strategies*. «The Journal of Infectious Diseases», 197:2, 270-278. DOI: <https://doi.org/10.1086/524065>.
- ANTUNES, J. L. F.; CARDOSO, M. R. A. (2015). *Uso da análise de séries temporais em estudos epidemiológicos*. «Epidemiologia e Serviços de Saúde». 24, 565-576. DOI: <https://doi.org/10.5123/S1679-49742015000300024>.
- ANUÁRIO Estatístico de Portugal. Lisboa: Imprensa Nacional, 1892.
- BANDEIRA, M. L. (1996). *Demografia e modernidade: família e transição demográfica em Portugal*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- BANDEIRA, M. L. (2009). *A sobremortalidade de 1918 em Portugal: análise demográfica*. In SOBRAL, J. M. et al., org. *A Pandemia Esquecida. Olhares comparados sobre a pneumónica 1918-1919*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, pp. 131-154.
- BERNABEU-MESTRE, J. et al. (2003). *El análisis histórico de la mortalidad por causas. Problemas y soluciones*. «Revista de Demografía Histórica». 21:1, 167-193.
- CASTRO JUNIOR, F. N. de (1899). *Duas palavras sobre a gripe e seus epiphenomenos*. Porto: Typographia Occidental. [Consult. 25 mar. 2021]. Disponível em <<https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/61149>>.
- FERREIRA, A.; OLIVEIRA, C. (2020a). *O impacto da “gripe espanhola” na cidade de Guimarães (1918-1919)*. «Revista de Demografia Histórica». 38:3, 55-79.
- FERREIRA, A.; OLIVEIRA, C. (2020b). *Os enterros também se fazem à noite: a pneumónica em Guimarães*. In FERREIRA, A., coord. *A gripe espanhola de 1918*. Guimarães: Casa de Sarmento — Centro de Estudos do Património; UMinho, pp. 137-159. [Consult. 25 mar. 2021]. Disponível em <<http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/64699>>.
- FRADA, J. (2005). *A gripe pneumónica em Portugal Continental — 1918: estudo socioeconómico e epidemiológico com particular análise do concelho de Leiria*. Lisboa: Sete Caminhos.
- GARCÍA FERRERO, S. (2018). *La gripe de 1889-1890 en Madrid*. Madrid: Universidad Complutense de Madrid. Tese de doutoramento. [Consult. 25 mar. 2021]. Disponível em <<https://eprints.ucm.es/49190/>>.
- JORGE, R. (1918). *A Influenza. Nova incursão peninsular. Relatório apresentado ao Conselho Superior de Higiene, Sessão de 18 de Junho de 1918*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.

- KILLINGRAY, D. (2009). *A pandemia de gripe de 1918-1919: causas, evolução e consequências*. In SOBRAL, J. M. et al., org. *A Pandemia Esquecida. Olhares comparados sobre a pneumónica 1918-1919*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, pp. 41-61.
- McCONEGHY, K. W. et al. (2017). *Flumodelr: an R package for estimating attributable influenza morbidity and mortality*. [Consult. 25 mar. 2021]. Disponível em <<https://github.com/kmcconeghy/flumodelr>>.
- MUSSELL, J. (2007). *Pandemic in print: The spread of influenza in the Fin de Siècle*. «Endeavour». 31:1, 12-17. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.endeavour.2007.01.008>.
- PEREIRA, M. H. (1971). *Livre câmbio e desenvolvimento económico. Portugal na segunda metade do século XIX*. Lisboa: Edições Cosmos.
- PORTUGAL. Ministério dos Negócios do Reino (1890). *Decreto de 11 de Janeiro de 1890*. «Coleção Oficial de Legislação Portuguesa», 5. [Consult. 25 mar. 2021]. Disponível em <<https://legislação.parlamento.pt/V/1/64/46/p27>>.
- PORTUGAL. Ministério dos Negócios Eclesiásticos e de Justiça (1890). *Portaria de 19 de Março de 1890*. «Coleção Oficial de Legislação Portuguesa», 542. [Consult. 25 mar. 2021]. Disponível em <<https://legislação.parlamento.pt/V/1/64/46/p564>>.
- RODRIGUES, T. S. (1995). *Nascer e morrer na Lisboa oitocentista: Migrações, mortalidade e desenvolvimento*. Lisboa: Edições Cosmos.
- SERFLING, R. E. (1963). *Methods for current statistical analysis of excess pneumonia-influenza deaths*. «Public Health Reports». 78:6, 494-506.
- SOARES, A. A. de C. (1892). *A gripe ou influenza*. Porto: Typographia de Pereira & Cunha. [Consult. 25 mar. 2021]. Disponível em <<https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/16668>>.
- TAUBENBERGER, J. K.; MORENS, D. M. (2006). *1918 Influenza: the Mother of All Pandemics*. «Emerging Infectious Diseases». 12:1, 15-22. DOI: <https://dx.doi.org/10.3201/eid1201.050979>.
- VALLERON, A. J. et al. (2010). *Transmissibility and geographic spread of the 1889 influenza pandemic*. «Proceedings of the National Academy of Sciences». 107: 19, 8778-8781. DOI: <https://doi.org/10.1073/pnas.1000886107>.
- VALTAT, S. et al. (2011). *Age distribution of cases and deaths during the 1889 influenza pandemic*. «Vaccine». 29, B6-B10. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.vaccine.2011.02.050>.
- VEIGA, T. R. (2004). *A população portuguesa no século XIX*. Porto: Edições Afrontamento. [Consult. 25 mar. 2021]. Disponível em <<https://www.cepese.pt/portal/pt/publicacoes/obras/a-populacao-portuguesa-no-seculo-xix>>.